

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE TRABALHO DE CAMPO NA “TRILHA DO TATU” EM DOMÍNIO TERRITORIAL DA UEG – UnUCET, ANÁPOLIS (GO)

Vandervilson Alves Carneiro¹

RESUMO

O trabalho de campo é uma atividade ímpar e de forte importância para a metodologia de ensino que buscamos desenvolver na Geografia e particularmente na disciplina IMPACTOS AMBIENTAIS EM ÁREAS DE CERRADO DECORRENTES DAS TRANSFORMAÇÕES IMPOSTAS AO USO DA TERRA, cuja finalidade é levar o aluno à compreensão do que é uma pesquisa exploratória e a observação empírica dos fenômenos geográficos. O objetivo do trabalho de campo junto à “Trilha do Tatu” na UEG – UnUCET em Anápolis / GO teve o objetivo de conhecer os subsistemas de Cerrado (Mata Seca, Cerrado Ralo e Mata de Galeria) e ambiente degradado (pasto abandonado) assentados em ambientes geológicos e geomorfológicos. Os resultados mostraram que o método do trabalho de campo é relevante na formação do Geógrafo, professor/pesquisador e acadêmico, como um meio de unir prática e teoria.

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo é uma ferramenta de essencial importância para o professor de Geografia, pois, permite demonstrar na prática a teoria abordada em ambiente escolar e é por este meio que notamos os fenômenos geográficos com que deseja trabalhar para melhor aproveitamento do conteúdo apreendido, tendo como objetivo principal familiarizá-lo com os aspectos físicos e naturais e com as atividades humanas relacionadas ao uso da terra, percebendo assim a identidade do lugar ou da comunidade (CARNEIRO, 2009; SILVESTRE et al., 2012).

O trabalho de campo como prática pedagógica no ensino de Geografia traduz-se em coluna mestra em sua proposta quando precedido de uma discussão além de um levantamento bibliográfico, cartográfico e de contatos com possíveis conhecedores do ambiente a ser visitado. Esta discussão leva tanto docente como discente a tematizarem a proposta a ser problematizada em campo. Este estudo prévio tem por finalidade a construção de um alicerce conceitual e metodológico que objetivará em uma maior aprendizagem (CARNEIRO, 2009; SILVESTRE et al., 2012).

Cabe dizer que fazer trabalho de campo representa um momento ímpar no processo de produção do conhecimento geográfico e que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos (CARNEIRO, 2009; SILVESTRE et al., 2012).

¹ Doutorando em Geografia da UFG-IESA e docente da UEG-UnUCET
profvandervilson@hotmail.com

Carneiro (2009) e Silvestre et al. (2012) corroboram com Monbeig (1936) ao afirmar que “[...] as excursões constituem um valioso auxílio e devem ser aproveitadas e aplicadas com o objetivo definido, geográfico, afim de que não redundem em simples passeio ou viagem de turismo”.

O trabalho de campo proposto em 01/09/2012 junto à “Trilha do Tatu” na UEG – UnUCET em Anápolis / GO teve o objetivo de conhecer os subsistemas de Cerrado (Mata Seca, Cerrado Ralo e Mata de Galeria) e ambiente degradado (pasto abandonado) assentados em ambientes geológicos e geomorfológicos.

METODOLOGIA

Inicialmente cabe destacar que foi realizado um garimpo de materiais geográficos à respeito do tema e do local a ser visitado, além de um debate em sala para traçar o objetivo do trabalho de campo na trilha ambiental.

Durante a realização do trabalho de campo, contamos com a presença de 19 alunos (Adeliano, Cristaneide, Éder, Elaine, Giuliana, Guilherme Cezar, Ingrid Rita, Joyce, Karla, Laryssa, Luiz Augusto, Marilon, Renata Cristina, Sara Izabel, Sérgio, Shayene, Silvia Ludmilla, Viniccus e Vírginia,) do 4º ano do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da UEG – UnUCSEH, de Anápolis / GO que participaram arduamente do debate e do garimpo de materiais geográficos.

O trabalho de campo da disciplina de **IMPACTOS AMBIENTAIS EM ÁREAS DE CERRADO DECORRENTES DAS TRANSFORMAÇÕES IMPOSTAS AO USO DA TERRA** foi realizado em 01/09/2012, das 8 horas às 13 horas em domínio territorial da UEG – UnUCET em Anápolis (GO).

O grupo de alunos teve como apoio as imagens do Google Earth, croqui da ‘Trilha do Tatu’ (figuras 1 e 2), leituras e debates prévios da área visitada, além do uso de caderneta de campo e registro fotográfico para a elaboração de relatório final da atividade de campo e sua posterior divulgação em evento científico.



Figura 1 – Portal de entrada da “trilha do Tatu” / Autoria: Grupo de Alunos (2012)

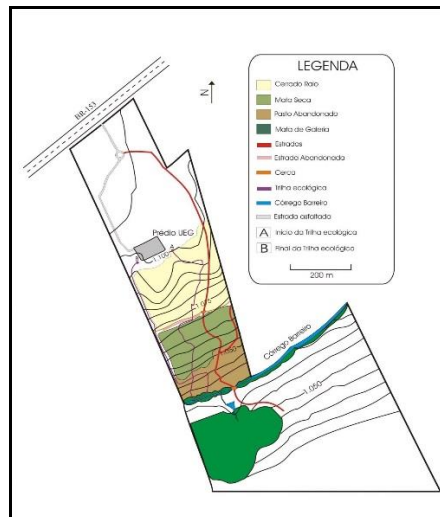


Figura 2 – Croqui da “Trilha do Tatu” / Fonte: CURADO; ANGELINI (2006)

O TRABALHO DE CAMPO NA “TRILHA DO TATU”

O município de Anápolis possui área territorial de 933,156 km² e abriga uma população de 334.613 pessoas de acordo com o censo 2010, com uma densidade demográfica de 358,58 hab./km². Segundo Radaelli (1994), as principais unidades litoestratigráficas identificadas na área da trilha são o Complexo Granulítico Anápolis-Itauçu, datado do Arqueano superior ao Proterozóico Inferior, e as Coberturas Detrítico-Lateríticas. As rochas do Complexo Granulítico Anápolis-Itauçu são inseridas em dois conjuntos, a dos Granulitos ortoderivados (derivados de rochas ígneas), e paraderivados (derivados de rochas sedimentares). São rochas, no geral, proeminentemente foliadas. As Coberturas Detrítico-Lateríticas encontram-se, segundo Araújo (1994) sobre terrenos que configuram uma superfície plana em altitudes de aproximadamente 1000 metros, com atual processo de dissecação marginal pela erosão.

A “Trilha do Tatu” está inserida em área da microbacia do Córrego Barreiro, cuja geomorfologia é denominada por Mamede (1993) como Planaltos do Divisor Tocantins-Paraná, na subunidade Planalto do Alto Tocantins-Paranaíba, onde foram identificados processos de natureza degradacional (representados pelos modelados de aplainamento e dissecação), e agradacional (modelado de acumulação fluvial).

No início da “Trilha do Tatu”, exatamente na parada 1, presenciamos o Cerrado Ralo (figura 3) cujas características são descritas como um subtipo de vegetação constituída de árvores e arbustos (arbóreo-arbustiva), com cobertura arbórea de 5% a 20% e altura média de dois a três metros. Representa a forma mais baixa e menos densa de Cerrado sentido restrito. A camada de arbustos e ervas é a mais destacada se comparada aos subtipos anteriores, especialmente pela cobertura de gramíneas. Ocorre principalmente em solos com

características variadas de coloração (desde amarelo claro, avermelhada, ao vermelho-escuro), textura (de arenosos a argilosa, ou muito argilosa e bem drenados) e graus variados de permeabilidade (penetração da água), tais como: latossolo vermelho amarelo, cambissolos, neossolos quartzarênicos, plintossolos pétricos, gleissolos e neossolos litólicos (RIBEIRO; WALTER, 2008).



Figura 3 – Cerrado Ralo / Autoria: Grupo de Alunos (2012)

Na parada 2, observamos a Mata Seca (figura 4) que está incluída nas formações florestais do bioma Cerrado que não possuem associação com cursos de água, caracterizadas por diversos níveis de queda das folhas durante a estação seca. A vegetação ocorre nos níveis de relevos que separam os fundos de vales (interflúvios), em locais geralmente mais ricos em nutrientes. A Mata Seca é dependente das condições químicas e físicas do solo mesotrófico (de condições médias em relação à disponibilidade de nutrientes), principalmente da profundidade. Em função do tipo de solo, da composição florística e, em consequência, da queda de folhas no período seco, a Mata Seca pode ser tratada sob três subtipos: mata seca sempre-verde, mata seca semidecídua, a mais comum, e mata seca decídua. Em todos esses subtipos a queda de folhas contribui para o aumento da matéria orgânica no solo, mesmo na mata seca sempre-verde (RIBEIRO; WALTER, 2008).



Figura 4 – Mata Seca / Autoria: Grupo de Alunos (2012)

Em outro ponto, ou seja, na parada 3, notamos um ambiente de pasto degradado (figura 5) que a degradação das pastagens em seus estágios mais avançados caracteriza-se pela modificação na dinâmica da comunidade vegetal, onde as espécies desejáveis (forrageiras) cedem lugar a outras, de menor ou quase nenhum valor forrageiro, e pelo

declínio na produtividade de forragem, com reflexos na produção animal (BARCELLOS, 1990).



Figura 5 – Pasto degradado / Autoria: Grupo de Alunos (2012)

Na parada 4, vimos a Mata de Galeria (figura 6) em ambiente do Córrego Barreiro (figura 7). Vegetação florestal que acompanha os rios de pequeno porte e córregos dos planaltos do Brasil Central, formando corredores fechados (galerias) sobre o curso de água. Geralmente localiza-se nos fundos dos vales ou nas cabeceiras de drenagem onde os cursos de água ainda não escavaram um canal definitivo. Essa tipo de formação florestal mantém permanentemente as folhas (perenifólia), não apresentando queda significativa das folhas durante a estação seca. Quase sempre é circundada por faixas de vegetação não florestal em ambas as margens, e em geral ocorre uma transição brusca com formações savânicas e campestres. A transição é quase imperceptível quando ocorre com Matas Ciliares, Matas Secas ou mesmo Cerradões, o que é mais raro, muito embora pela composição florística seja possível diferenciá-las (RIBEIRO; WALTER, 2008).



Figura 6 – Mata de Galeria
Autoria: Grupo de Alunos (2012)



Figura 7 – Córrego Barreiro

Nas margens do Córrego do Barreiro, parada 5, notamos que todo o percurso das paradas 1 a 4 estão assentados em encosta do Planalto do Alto Tocantins-Paranaíba e domínios de Coberturas Detrítico-Lateríticas (figura 8) e do Complexo Granulítico Anápolis-Itaçu.



Figura 8 – ambiente da Cobertura Detrítico-Laterítico / Autoria: Grupo de Alunos (2012)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer a “Trilha do Tatu” podemos compreender que diversos elementos da paisagem estão presentes neste lugar, o solo, geologia, vegetação, hidrografia, entre outros. Neste contexto, utilizá-la enquanto local para a prática de atividades ambientais e trabalho de campo é viável, entretanto a mesma deve ser estruturada para este objetivo.

Consideramos que o objetivo traçado para o trabalho de campo atingiu a meta estabelecida pelo ensino-aprendizagem, pela relação entre teoria e prática, como também a aquisição e consolidação dos conhecimentos específicos em Geografia e despertar os espíritos crítico e investigativo.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, V. A. Programa de levantamentos geológicos básicos do Brasil. **Folha Nerópolis SE.22-X-B-I**. DNPM: Brasília, 1994. 98p. cap. 2, p. 25-47: Estratigrafia.
- BARCELLOS, A. O. **Recuperação de pastagens degradadas**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1990. (Série Treinamento - Curso de Formação e Manejo de Pastagens).
- CURADO, P. M.; ANGELINI, R. Avaliação de atividade de Educação Ambiental Avaliação de atividade de Educação Ambiental em trilha interpretativa, interpretativa, dois a três anos após sua realização. **Acta Sci. Biol. Sci.** Maringá, v. 28, n. 4, p. 395-401, Oct. / Dec., 2006.
- MAMEDE, L. Compartimentação geomorfológica da Região Centro-Oeste. **Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia – Núcleo Centro-Oeste**, n. 16, p. 107-144, jul. 1993.
- MONBEIG, P. Metodologia do ensino geográfico. **Revista Geografia**, São Paulo, AGB, v. 1, n. 2, 1936.
- RADAELLI, V. A. Programa de levantamentos geológicos básicos do Brasil. **Folha Nerópolis SE.22-X-B-I**. DNPM: Brasília, 1994.
- RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As principais fitofisionomias de Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P.; RIBEIRO, J. F. **Cerrado: ecologia e flora**. Brasília: Embrapa Cerrados, 2008.